

8º CONFERENCIA LATINOAMERICANA y CARIBEÑA de CIENCIAS SOCIALES

LAS LUCHAS POR LA IGUALDAD,
LA JUSTICIA SOCIAL Y LA DEMOCRACIA
EN UN MUNDO TURBULENTO

PRIMER FORO MUNDIAL DEL PENSAMIENTO CRÍTICO

Buenos Aires | 19 al 23 de noviembre de 2018



Resúmenes de ponencias por campo temático

15

Estudios sobre los
Estados Unidos



Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano
de Ciências Sociais



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - C.L.A.C.S.O.

Las luchas por la igualdad, la justicia social y la democracia en un mundo turbulento : ponencias del Primer Foro Mundial del Pensamiento Crítico. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2020.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-987-722-580-8

1. Ciencias Sociales y Humanidades. 2. América Latina. I. Título
CDD 301

Resumen de ponencia

ANTITERRORISMO, GUERRA CONTRA LAS DROGAS Y CONSTRUCCIÓN DEL ENEMIGO EN EL PERÚ, UNA MIRADA DESDE EL ESPEJO DE BOLIVIA.

*Tamara Lajtman Bereicoa

Resumen Investigación doctoral:

Entre 1980 y 2000 se desarrolló en Perú el llamado "conflicto armado interno" ante el levantamiento en armas del Partido Comunista del Perú-Sendero Luminoso y el Movimiento Revolucionario Túpac Amaru y la respuesta armada del Estado. Considerando que aún los procesos de memoria, verdad y justicia se encuentran en construcción, esta investigación indaga sobre los procesos de actualización del discurso del enemigo interno y la militarización de territorios estratégicos en Perú, desde la apertura democrática, a partir de un contexto regional de incremento de las políticas de seguridad de Estados Unidos orientadas a la lucha contra el terrorismo y el narcotráfico. Se analizan los roles que asume el país andino en términos geopolíticos, geoeconómicos y geoestratégicos y porqué se configura como eje prioritario de la reorganización hegemónica de los Estados Unidos en la región. Se pone el foco en la evolución de las políticas de cooperación en materia de seguridad y defensa durante los gobiernos de Alejandro Toledo (2002-2006), Alan García (2006-2011), Ollanta Humala (2011-2016) y Pedro Pablo Kuczynski (2016-2018). Asimismo, se profundiza sobre las dinámicas locales de criminalización de lucha sociopolítica, principalmente relacionada a la resistencia a los esquemas extractivos de acumulación.

Justificación:

Las políticas de Estados Unidos hacia América Latina y la región andina desde el final de la Guerra Fría se han centrado en la "guerra contra las drogas", que a partir del 11S es fusionada a la guerra contra el terrorismo. Fue a partir de un enclave inicial en la zona andina, por medio del Plan Colombia (2000) y su expansión con la Iniciativa Regional Andina (2002), que Estados Unidos impulsó los lineamientos generales de seguridad para América Latina en el siglo XXI, organizando el flujo de asistencia militar y asistencia "para el desarrollo" siempre articulados con las políticas de liberalización económica y reformas de mercado plasmadas en el Consenso de Washington.

En mi investigación doctoral profundizo en el estudio del caso peruano, que presenta un signo de continuidad e incremento de las políticas de seguridad estadounidense actualmente enfocadas en las "amenazas" del mal llamado "narcoterrorismo" y los "desastres naturales". La creciente, aunque poco visibilizada, militarización del territorio peruano en las últimas décadas expone el particular interés estadounidense en la zona del Pacífico, los Andes y la Amazonía con los fines de reforzar la presencia en el eje Asia-Pacífico y conformar, junto a Colombia, una franja desestabilizadora sobre los gobiernos progresistas de la región.

Perú y Bolivia comparten el mismo espectro geopolítico estadounidense en lo que se refiere al control de territorios estratégicos en recursos naturales y han sido, junto a

Colombia, los principales ejes de la política antinarcóticos. Desde esta perspectiva, será interesante observar, de manera comparativa, cómo operan los procesos de estabilización-desestabilización en estos países, considerando que en el primero los sucesivos gobiernos (Toledo, García, Humala, PPK) han mantenido una condición de dependencia de los postulados del Departamento de Estado y en el segundo se han promovido profundas rupturas durante el gobierno de Evo Morales.

Considerando las distintas instancias de recuperación de la soberanía promovidas por el proceso de cambio boliviano, me interesa analizar de manera particular la crítica a las políticas de seguridad estadounidense y las alternativas planteadas por el gobierno del MAS, como la nacionalización de la lucha contra el narcotráfico y el nuevo rol que adquiere las Fuerzas Armadas en este proceso. Asimismo, es imperativo considerar las distintas formas de injerencia desestabilizadora enfrentadas por el gobierno boliviano.

Contexto

La ponencia se da en el marco de la realización de una estancia de investigación realizada entre mayo y noviembre del 2018 en el Centro de Investigaciones Sociales de la Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia

.....

*** Tamara Lajtman Bereicoa**

Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Buenos Aires - IEALC/UBA. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina

Resumen de ponencia

AS HUMANIDADES VÃO À GUERRA: A MOBILIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS ESTADUNIDENSES PARA A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*Francisco Cesar Alves Ferraz

Nos tempos em que vivemos, nos quais se testemunha uma onda de ataques às humanidades no mundo todo, e mais particularmente em países de corte neoliberal nas Américas, é oportuno enfatizar a importância das ciências humanas. Para além da necessária reflexão sobre as diferentes dimensões da vida social, também deve ser enfatizado o papel que historicamente as ciências humanas desempenharam na solução de problemas do mundo público e privado.

O objetivo deste trabalho é compreender como sociólogos, cientistas políticos, antropólogos, historiadores e assistentes sociais participaram, com seus conhecimentos e métodos, para o esforço de guerra dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Para este trabalho, foram pesquisados estudos publicados em periódicos acadêmicos nas áreas de ciências humanas, especialmente ciências sociais e serviço social, como *The Annals of The American Academy of Political and Social Science*, *The American Journal of Sociology*, *The American Political Science Review* e *Social Forces*, bem como arquivos do principal órgão mobilizador dos recursos humanos estadunidenses durante o conflito, o *Office of War Mobilization and Reconversion*.

Essas ações começaram, na verdade, antes mesmo do envolvimento direto estadunidense na Segunda Guerra Mundial, em dezembro de 1941. Profissionais das ciências humanas estudavam e publicavam os resultados de suas pesquisas sobre as crises da política internacional, mobilização industrial e de recursos humanos em situações bélicas, a ascensão dos fascismos, as relações entre as majorias e as minorias étnicas e nacionais, o impacto dos deslocamentos populacionais nas políticas internas dos países e nas relações familiares, os efeitos dos recrutamentos em massa em países da Europa e suas potencialidades na iminência de uma possível guerra envolvendo os Estados Unidos, etc.

Após o ataque a Pearl Harbor, contudo, o que era um conjunto de estudos especulativos sobre o passado recente, o presente então em curso e as perspectivas futuras, converteu-se em um esforço generalizado em pesquisar, analisar, propor diagnósticos e soluções para problemas que surgiam à medida que a mobilização para guerra consumia todas as energias do país. Assim, os profissionais das humanidades se voltaram para a análise e solução de problemas em diversas áreas. A primeira área de intensa mobilização foi a da escolha dos critérios e métodos de seleção de jovens para a guerra e para a produção industrial e agrícola. Era necessário separar os grupos de jovens estadunidenses aptos para o treinamento e engajamento em combate, de outros grupos mobilizáveis para a produção industrial e para outras atividades na frente doméstica, como a agropecuária e serviços, de modo a aumentar

exponencialmente a produção para uso bélico e para o consumo interno.

Outro emprego de cientistas sociais foi o dos estudos sobre o soldado estadunidense, tanto em seu período de recrutamento e treinamento quanto durante o serviço ativo na guerra: o que pensava, o que afetava seu desempenho em combate e suas relações na retaguarda; sua motivação, suas relações com superiores hierárquicos, com a população das cidades ocupadas, com a frente doméstica; seus planos e receios para a desmobilização.

Na frente interna, os profissionais das humanidades foram chamados para orientar as autoridades do governo federal e dos estados sobre os efeitos colaterais da mobilização nacional para a guerra: a agudização dos problemas sociais dos afro-americanos, o crescimento da participação feminina na força de trabalho industrial e de serviços, as variações demográficas inter-estados e inter-regiões durante a guerra, o aumento da delinquência juvenil, os conflitos entre estadunidenses e grupos etnicizados nacionais e étnicos (nipo-americanos, ítalo-americanos, hispano-americanos, indígenas).

De todos os trabalhos efetuados pelos profissionais das humanidades, porém, nenhum teve o alcance e impacto mais duradouros que o planejamento da desmobilização dos combatentes e da reestruturação econômica dos Estados Unidos após o fim do conflito. Os profissionais das humanidades foram chamados para propor soluções para problemas esperados no pós-guerra, como as prováveis ondas de desemprego em massa, após a reconversão da economia hipertrofiada de guerra para os níveis de produção normal; os esperados surtos inflacionários após anos de pleno emprego/renda e poupança forçada pelos racionamentos; o impacto da volta ao país de pelo menos 1/3 da força de trabalho masculina jovem, mobilizada nas duas frentes de combate além-mar e, por último, mas não menos importante, para as mudanças nas expectativas de alguns grupos sociais valorizados durante a guerra, principalmente as mulheres e afro-americanos.

As conclusões do estudo apontam que as contribuições das humanidades foram importantes para a mobilização material e humana durante o conflito e decisivas para o planejamento do pós-guerra nos Estados Unidos, embora nem sempre com resultados socialmente satisfatórios, em termos de soluções de problemas sociais, de gênero e raciais estadunidenses do pós-guerra.

.....

* Francisco Cesar Alves Ferraz

Centro de Letras e Ciências Humanas . Universidade Estadual de Londrina - CLCH/UEL. Londrina, Brasil

Resumen de ponencia

CINE E IMPERIALISMO: ANTECEDENTES Y MIRADAS EN LA RELACIÓN ENTRE HOLLYWOOD Y EL DEPARTAMENTO DE ESTADO NORTEAMERICANO

*María Ximena Méndez Mihura

Este trabajo busca dar cuenta de los trabajos y autores que investigaron el vínculo y relaciones entre el Departamento de Estado Norteamericano y Hollywood, que como veremos se viene dando desde los inicios mismos del cine.

Hacia principios de siglo XX, Thomas Alba Edison había conseguido que leyes proteccionistas promulgadas por el Estado norteamericano terminaran por sacar la franquicia de los Lumière de los Estados Unidos. Augros (1996) señala que los sectores dirigentes de los Estados Unidos entendieron muy tempranamente que el cine era un potente factor de promoción del american way of life, su ideología y su punto de vista respecto del resto del mundo. El Estado norteamericano proveyó leyes proteccionistas para fomentar y fortalecer la industria de Hollywood, pero también impuso formas de hacer. Por ejemplo, durante los años de la Gran Depresión, en que el espectador no podía salir frustrado del cine, y se crearon los guiones con el famoso happy end americano, de cumplimiento obligatorio (que influyó de manera crucial en las decisiones estéticas y en muchos géneros); o cuando se impuso el código Hays, que estipulaba ciertas formas para evitar temas que dañaran u ofendieran la moral pública. Los Estados Unidos, paralelamente, lograron una preeminencia en diferentes áreas relacionadas con el cine: empresas electrónicas, sistemas de satélites, mercado audiovisual, etc. Todo esto también colaboró para que este país fuera monopolizador de las tecnologías de la comunicación y el más importante difusor de productos culturales, entre ellos el cine de Hollywood.

En otro momento histórico como la Caída del muro de Berlín, para Maciel (2000), fue un punto de giro para reconfigurar a los villanos en Hollywood, el cine de Hollywood cambió a los "comunistas" por delincuentes peligrosos encarnados por los latinos. Este hecho coincidió con la llegada de los gobiernos neoliberales a América Latina.

Para dar cuenta del cine pre 11-s, Vanhala (2011: 003) señala que la incorporación al cine de Hollywood de personajes y de situaciones que tienen que ver con el terrorismo son una consecuencia de la política exterior norteamericana que se inició con la crisis de rehenes Irán el 4 de noviembre de 1979, que se introdujo el tema del terrorismo internacional para el público norteamericano. Para esta autora, el martes 11 de septiembre de 2001 ficción y realidad colisionaron y crearon el mayor espectáculo visual desde el de Munich en 1972. También destaca que una industria cultural como Hollywood y sus productos culturales son centrales en la creación de consenso y de mentalidad popular en la sociedad, porque llegan a vastas audiencias. Señala además que Hollywood no solo tiene influencia en los Estados Unidos: sus películas tienen el segundo lugar entre los productos que exporta el país norteamericano, luego de los productos de hardware militar.

-Respecto del cine posterior al 11 de septiembre de 2001, Estrada (2012) explica que las repercusiones del episodio de las Torres Gemelas no podían escapar al cine "Made in USA".

Iturriaga Barco (2008) señala que luego del 11-s se lanzaron películas que no entenderíamos sin tener en cuenta estos atentados, en las que se ven algunas de las consecuencias de la nueva política internacional. Para este autor, en las mencionadas películas se dejó de lado el tratamiento de Vietnam o la Guerra Fría, característicos de décadas anteriores, para sumergirse en temáticas centradas en Medio Oriente.

Destaca que a pesar de la crisis post 11-s, la filmografía estadounidense pudo adecuarse a las nuevas circunstancias mundiales. Para este autor, el director en quien más influyeron estos atentados fue Steven Spielberg, interés que se puede observar en su filmografía.

Sanahuja Perales (2012) señala que para los neoconservadores estadounidenses, los atentados del 11-s podrían compararse con los ataques de Pearl Harbour, en la medida en que eliminando obstáculos internos permitieron a los Estados Unidos desplegar su poder y dar paso a una verdadera revolución en la conducción de la política exterior, que se focalizó en Oriente más que en otros territorios del llamado Tercer Mundo.

.....

* **María Ximena Méndez Mihura**

Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Argentina. Programa Argentina - FLACSO. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina

Resumen de ponencia

DA SOBERANIA POPULAR À ACCOUNTABILITY: CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA E POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

*Rejane Carolina Hoeveler

A história das diferentes definições de democracia só pode ser escrita a partir dos embates teóricos e políticos entre diferentes concepções de sociedade, dos projetos políticos vinculados a essas concepções, que nortearam as políticas externas de grandes potências imperialistas como os Estados Unidos.

Particularmente desde que o pensamento liberal abraçou a democracia, em meados do século XIX, o conceito sobre o que a constitui e define sempre foi alvo de disputas. A interpretação sobre o que significaram as experiências democráticas grega clássica e americana moderna; a extensão do sufrágio e a "tirania da maioria"; a inclusão ou não de direitos sociais e econômicos como parte da democracia; as sucessivas "crises" da democracia; e, mais recentemente, os mecanismos procedimentais e "técnicos" da democracia liberal, foram alguns dos temas mais quentes nas sucessivas batalhas semânticas em torno da democracia.

A experiência americana da Convenção da Filadélfia e da aprovação da segunda Constituição Federal é um ponto fundamental nessa história, pois não apenas gerou um exemplo concreto de um sistema político liberal anti-popular, como estabeleceu um corpo teórico relativamente sólido. A paradoxal vitória dos federalistas foi que, mesmo que o seu partido tenha sido extinto, o formato do modelo político que foi fundado estava de acordo com as suas propostas, preocupadas centralmente com a limitação da pressão popular sobre o Estado.

No século XIX, quando o pensamento explicitamente anti-democrático marcante no século XVIII dá lugar a uma defesa liberal da democracia, presente de maneiras diferentes em Jeremy Bentham, em James e John Stuart Mill, a presença das massas na política já era vista como ameaçadora, mas praticamente inevitável. O movimento secular por direitos civis, políticos e sociais descrito por Marshall, que teve um ápice no pós-Segunda Guerra Mundial, levou a novas teorizações liberais sobre a democracia. É nesse contexto que surgem quatro das principais versões da teoria liberal da democracia ainda muito influentes: Schumpeter, Dahl, Lipset e Hayek. De diferentes perspectivas, elas não apenas combateram as versões da teoria democrática que incluíam os direitos sociais e econômicos como parte da democracia, como rejeitaram categoricamente o princípio da soberania popular, preconizado por todos os liberais até meados do século XX.

Um desses momentos cruciais da disputa sobre a concepção de democracia e sua relação com a política externa estadunidense se dá no final dos anos 1980, com o alastramento das reformas neoliberais, e principalmente nos anos 1990, com o fim da URSS, quando a promoção da democracia tornou-se um mantra das políticas das chamadas democracias ocidentais avançadas. Os processos de democratização que se

avolumam já a partir de meados dos anos 1970 levam Samuel Huntington a caracterizar uma “terceira onda” democrática, num entusiasmado livro de 1991 (HUNTINGTON, 1991). Nesse período, surgem diversas entidades privadas voltadas para a promoção da democracia liberal pelo mundo, com destaque para o National Endowment for Democracy, criado diretamente por Ronald Reagan e seus assessores em 1981, e que dirige um centro de pesquisas próprio, o International Forum for Democratic Studies (que publica o Journal of Democracy), e fomenta o World Movement for Democracy.

O substancial incremento orçamentário, estatal e privado, para a “promoção da democracia”, especialmente nos Estados Unidos, abriu campo para toda uma especialidade acadêmica, majoritariamente composta por cientistas políticos que se vinculam diretamente a estas entidades às quais fornecem dados e teorias, tornando-se, reconhecidamente, teóricos/agentes da democracia liberal. A importância dos rankings da Freedom House se acentua de forma mais evidente já em meados dos anos 1990. Também surgem iniciativas inter-governamentais como a “Comunidade das Democracias”, criada no ano 2000.

Em relação à América Latina, a entidade privada de elaboração da política externa, nos Estados Unidos, é o Conselho das Américas (Consejo de las Américas). Essa entidade desenvolve uma espécie de diplomacia privada que presta serviços a interesses econômico-corporativos, mas que desenvolve uma ação coletiva de classe, recolhendo informações, consolidando alianças, e formulando políticas públicas hoje alinhadas com o neoliberalismo. Entre as atividades correntes da entidade, são realizadas reuniões com embaixadores, diplomatas e altas autoridades ministeriais de quase todos os países latino-americanos. Recentemente, a entidade ficou conhecida por influenciar indiretamente em alguns imbróglios políticos latino-americanos, em especial no caso da cobertura midiática do impeachment de Dilma Rousseff nos Estados Unidos.

O debate dos anos 1990 parece inaugurar um novo ciclo na teoria liberal da democracia. Enquanto a ideologia do pós-Segunda Guerra do mundo capitalista ocidental era uma democracia que, só se contrapor ao socialismo, prometia atenuar a desigualdade, nos anos 1990, passa a ser em torno de termos como rule of law e accountability. Embora a “prestação de contas” pelo governo fosse um velho tema Whig (MERQUIOR, 2014, p.106), o desenvolvimento teórico contemporâneo da idéia de accountability veio fortemente ligado ao neoliberalismo na administração pública (DARDOT e LAVAL, 2016, p.302). A accountability aplicada ao sistema político reza que os representantes eleitos devem “prestar contas” aos seus eleitores.

Outro dos pontos mais relevantes desse debate se deu ainda no final dos anos 1990. Em um polêmico artigo de 1997 na revista Foreign Affairs, o já conhecido escritor Fareed Zakaria falava sobre um alarmante alastramento das “democracias iliberais”. Segundo Zakaria, o liberalismo, tanto como concepção de liberdade política quanto como doutrina de política econômica, pode até “ter coincidido” com a democracia, mas nunca foi indubitavelmente ou imutavelmente ligada à sua prática. Agora, num processo de separação, enquanto a democracia estaria florescendo, o liberalismo constitucional estaria estagnado ou até retrocedendo. No ano seguinte, o Council on Foreign Relations (CFR), o mais tradicional think-tank de política externa nos EUA, realizava um debate com Zakaria, Huntington e Carl S. Gershman, fundador e então presidente do National Endowment for Democracy, com o sintomático título

“Democracy: is it for everyone?”

A teorização liberal mais contemporânea promove uma “redução da redução” da democracia, medindo-a com critérios aparentemente “técnicos” como transparência, mecanismos de accountability e garantia da rule of law. Tomando como pressuposto a expansão da globalização capitalista, esses teóricos/agentes agora vêem uma nova “crise da democracia”, em geral atribuída à falta de “cultura política” democrática, à falta de “instituições” ou mesmo às falhas dos Estados Unidos em promover a democracia. Hoje, não apenas se prega uma definição minimalista, como se admite abrir mão até dos mecanismos eleitorais mais básicos, em nome do liberalismo.

.....

* Rejane Carolina Hoeveler

Universidade Federal Fluminense UFF. Niterói, Brasil

Resumen de ponencia

ESTADOS UNIDOS NO EQUADOR: AS INFLUÊNCIAS NA DEMOCRACIA DURANTE O GOVERNO DE RAFAEL CORREA

*Leticia Cristina Barbosa

A pesquisa se desenvolve sobre a atuação da National Endowment for Democracy NED no Equador no período de 2006-2016. A NED é uma organização privada da sociedade civil estadunidense, mas financiada pelo governo dos Estados Unidos (EUA) e com atuação na promoção da democracia e do livre mercado em âmbito internacional. Esta fundação surge da ideia de criar uma instituição privada para promover a democracia e que opere os fundos de assistência no exterior sem envolver diretamente o governo dos Estados Unidos. A NED é uma das principais responsáveis pela política de promoção da democracia dentro da política externa dos Estados Unidos ao lado de outras agências de governo como a USAID (United States Agency for International Development). Esta função é realizada através de seus vínculos e relações com organizações da sociedade civil locais. A NED surge com a função de dialogar com estes atores da sociedade civil e estes vínculos nem sempre estão de acordo com os planos de desenvolvimento propostos pelo governo local e em alguns casos indo de encontro com o mesmo e inclusive buscando seu derrocamento. Resultando em situações de conflito, divergências entre os países e EUA e acusações de ingerência por parte deste país. Busca-se entender a forma de atuação da NED e seu propósito no Equador para defender os seus interesses que passam pela segurança nacional, interesses econômicos e, inclusive, uma contenção de possível surgimento bolivariano visto a proximidade que havia entre o ex-Presidente Rafael Correa e o falecido Hugo Chaves da Venezuela, por exemplo.

Entre as instituições que são parte da NED, estão os institutos National Democratic Institute for International Affairs (NDI) e International Republican Institute (IRI) que são organizações criadas pelos partidos políticos estadunidenses Democrata e Republicano respectivamente. Somados a estes dois institutos estão também o Solidarity Center que representa a American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO) e o Center for International Private Enterprise (CIPE) representando a Câmara Americana de Comércio. Cada uma destas instituições estaria encarregada de colocar em prática as políticas dos EUA dentro de suas áreas: na política, principalmente, sobre as eleições e assistência aos partidos políticos, focando no legislativo, no governo local, e educação cívica; a constituição e orientação no trabalho com os sindicatos; e na promoção da livre iniciativa de empresas no exterior, atuando junto as organizações empresarias e thinks tanks no exterior.

Embora territorialmente pequeno, Equador é um dos países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e os EUA possuem interesses nele devido às suas reservas de petróleo. Além disso, como é fronteiro à Colômbia, o país norteamericano tem real interesse no combate ao narcoterrorismo, usando o

território equatoriano como base para este fim. O que se questiona é se o apoio dado através de assistência externa seria somente uma desculpa para estar por perto das reservas de petróleo e manter aberto um mercado promissor.

Geralmente, os motivos alegados para se destinar recursos de assistência externa política a outros países gira em torno de instabilidade política ou a algum tipo de opressão por parte do governo, que justifique a promoção de democracia. O que não seria o caso do Equador, que justamente sai de um período de instabilidade política, golpes e reivindicações da sociedade civil pelo fim da corrupção, respeito aos direitos e mais participação política. No entanto, o que chamou a atenção foi o aumento considerável e repentino de recursos da NED destinados ao Equador com as eleições presidenciais de 2006: o período de 2006 a 2016 coincide com altos volumes de recursos destinados à ajuda externa política e o período da administração de Rafael Correa, do partido Aliança País. Subitamente, os recursos destinados pela NED para o Equador sobem da casa de meio milhão de dólares ao ano para cerca de 2,5 milhões de dólares em 2006 e segue em alta até o último ano de governo de Correa.

Estes fatos instigaram a realização desta pesquisa. Outro impulso foi o fato de o presidente Correa ter sido um dos poucos a divulgar as ações da NED em seu país, mobilizando a mídia a investigar as reais intenções da fundação em financiar projetos em território equatoriano.

A análise de redes sociais é uma etapa importante da pesquisa. Através de uma triangulação de métodos de pesquisa pela qual buscou-se investigar as redes transnacionais de organizações da sociedade civil (OSC) desde uma perspectiva sociopolítica com uma (01) pesquisa documental, (02) pesquisa de campo e a (03) análise de redes sociais, foi possível mapear os atores sociais, locais e internacionais, que de alguma forma se relacionam e compartilham do mesmo projeto político.

Apresenta-se neste artigo um recorte de análise dos atores sociais que se articulam em rede no Equador e que são financiadas pela NED. As organizações da sociedade civil locais podem submeter projetos para receber recursos em temas como promoção da democracia, direitos humanos e outros temas que referem-se ao que a NED se propõe em seus princípios e objetivos. Porém, não se trata somente de um financiamento de projetos ou ajuda externa. Há, primeiramente, uma identificação de "projetos políticos" e de "identidade de ideias". Nos resultados da pesquisa, constata-se que a influência da NED no Equador, por exemplo, não é direta, executando projetos no país, mas financiando-os. Essa relação entre projetos políticos e uma confluência de identidade de ideias possui incidência em um grupo de organizações identificadas na pesquisa documental que se encontram altamente conectadas e atuam conjuntamente. Portanto, o foco de análise neste trabalho é a rede social formada por atores sociais com projetos específicos e outros em comum, ambos tipos de projetos financiados pela NED e que se relacionam entre si formando um tecido social de influência em políticas públicas e na opinião pública.

Alguns pesquisadores indicam que a assistência externa é uma política focada nos interesses e necessidades dos países receptores e que, ao mesmo tempo, trata-se de uma ferramenta de influência sobre estes países. Os Estados Unidos assumem a assistência externa como um instrumento de hegemonia estratégica e, em seu estudo comparativo com outros países, para os EUA, assim como França e Japão, as necessidades e os interesses definidos na política de cooperação internacional dos receptores não é um fator importante que determina a quantidade de ajuda externa.

A construção de um tecido social de atuação por meio da sociedade civil organizada ocorre de forma paralela complementando as relações diplomáticas e se instala em relações transnacionais, pelas quais os Estados Unidos da América consegue penetrar seus valores e princípios em outras culturas e por diferentes meios. A formação de redes sociais intencionais é uma estratégia de soft e smart power e de fortalecimento institucional importante na política externa dos Estados Unidos.

A NED possui um poder de influência na rede social por possuir um alto outdegree e, além disso, utiliza-se da centralidade e influência de atores locais e regionais altamente conectados e articulados. As redes formais e estruturadas constituídas pelas próprias organizações financiadas pela NED contribui para a centralidade e poder de influência destas organizações. E a análise de redes sociais nos mostra que não se trata somente de financiamento aleatório de projetos de fortalecimento político e de direitos humanos com o propósito de promoção da democracia, e sim da existência de uma articulação de identidade com projetos políticos e confluência de interesses de contribuir para a promoção da democracia de livre mercado.

Contudo, confirma-se a tese de que, mesmo não havendo convênio de cooperação internacional entre as organizações NED, NDI e IRI e o governo nacional do Equador por meio de sua Secretaria de Estado, puderam seguir executando seus projetos de assistência externa em política em parceria com um grupo de organizações altamente conectado.

A NED criou uma estrutura na qual as organizações estariam vinculadas ou formando coalisões segundo os princípios da NED. Estamos analisando uma rede, ou redes intencionais, e que através dessa, a NED consegue difundir seus princípios, seja por critérios de seleção de projetos de organizações para distribuir seus recursos ou seja em conferências e reuniões em redes estruturais como a NDRI e a WMD, por exemplo. O desafio foi e continuará sendo a criação de critérios e de categorias para analisar os atores sociais em redes intencionais e mapear estas organizações através destes critérios que os identificam e os aproximam como pares.

.....

* Leticia Cristina Barbosa

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - CFH/UFSC PGSP-CFH-UFSC. Florianópolis, Brasil

Resumen de ponencia

GRUPOS FINANCEIROS LATINO-AMERICANOS: CONEXÕES COM OS ESTADOS UNIDOS

*Ary Minella

Grupos financeiros latino-americanos: conexões com os Estados Unidos.

1] A existência de grupos econômicos é um fenômeno amplo e central no capitalismo contemporâneo. A literatura tem destacado sua importância como agentes privilegiados das operações econômicas em esfera global e sua influência direta ou indireta sobre as políticas governamentais. Constituídos por empresas que operam em diferentes setores da economia e articulam capitais diversos, quando integrados por instituição financeira, especialmente quando esta constitui seu núcleo central, podem ser identificados como grupos financeiros.

Uma análise preliminar dos quinze maiores bancos privados latino-americanos (sede na região), tomando como referência o ano de 2014, indicou que pelo menos dez deles, localizados em cinco países, podem ser considerados como grupos financeiros. Em pesquisa em andamento intitulada "Grupos financeiros latino-americanos no século XXI: perfil econômico e sociopolítico comparado" que elabora um perfil econômico e sociopolítico comparado de alguns desses grupos levando em conta os seguintes aspectos: i) a estrutura acionária; ii) as relações com o Estado e os processos políticos; iii) a participação em organizações de representação de classe; iv) as relações com os trabalhadores e v) seus vínculos com organizações de caráter político-ideológico, especialmente think tanks. Para a análise selecionou-se um grupo de cada país: Itaúsa (Banco Itaú Unibanco, Brasil), Grupo Saieh (CorpBanca, Chile), Grupo Romero (Banco de Crédito do Peru), Grupo Antioqueño (Bancolombia, Colômbia) e Grupo Banorte (Banco Mercantil do Norte, México). O enfoque adotado enfatiza o grupo financeiro enquanto um locus de acumulação e poder, inserido em estruturas e conjunturas econômicas, políticas e sociais dotadas de especificidades.

Entre os procedimentos metodológicos utilizados neste projeto mais amplo destacamos a pesquisa bibliográfica e documental, e a Análise de Redes Sociais, com software Ucinet 6. Consideramos os dados mais recentes disponíveis com limite no ano de 2014. As fontes principais incluem: Documentos e dados de órgãos estatais, dos grupos financeiros, das Bolsas de Valores, bancos de dados empresariais e publicações especializadas. A pesquisa iniciou em março de 2015 e sua conclusão está prevista para fevereiro de 2019.

2] O presente trabalho apresenta um recorte desta pesquisa com foco nas conexões que se estabelecem entre as empresas e organizações de diversas naturezas dos Estados Unidos e os grupos financeiros mencionados anteriormente, delimitando o estudo a dois deles: o Itaúsa (Banco Itaú Unibanco, Brasil) e Grupo Banorte (Banco

Mercantil do Norte, México).

No período em análise, a holding Itaúsa (Investimentos Itaú - grupo Itaú), além do Banco Itaú Unibanco e várias outras empresas financeiras, controlava também empresas dos ramos de eletroeletrônicos, materiais de construção e decoração, tecnologia de informação, madeira, móveis, papel, informática, química e petroquímica, algumas das quais estão entre as maiores de seus respectivos ramos. No México, o Banco Mercantil do Norte (Banorte), vinculado ao Grupo Financeiro Banorte, passou para controle privado no processo de privatização dos bancos em 1992, e seu principal acionista é o grupo industrial Gruma, controlado pela família Barrera que, com significativa presença de capital estrangeiro, é considerado um dos maiores produtores mundiais de alimentos, com plantas industriais distribuídas em vários países.

As conexões são identificadas especialmente a partir de três dimensões que foram consideradas no perfil dos grupos financeiros: i) a estrutura de controle e participação acionária e a composição dos ativos de cada grupo; ii) a participação comum em organizações de representação de classe; iii) vínculos comuns com think thanks nos países onde as empresas dos grupos atuam.

Na primeira dimensão, de natureza marcadamente econômica, considera-se como relevante a existência de uma ou mais das seguintes formas de conexão: i)

Participação acionária cruzada - ações nominais e preferenciais -, entre os grupos financeiros e empresas norte-americanas; ii) Participação de fundos de investimentos sediados nos Estados Unidos em empresas dos grupos financeiros; iii) Endividamento das empresas dos grupos com instituições financeiras privadas dos Estados Unidos; iv) operações dos grupos no mercado norte-americano, incluindo a cotação em bolsa de valores daquele país.

As duas outras dimensões, de natureza sociopolítica, levam em conta a existência de um ou mais espaços de participação comum de empresas e organizações norte-americanas e dos grupos financeiros latino-americanos, entre os que se mencionam a seguir: i) Cúpula Empresarial, evento paralelo à Cúpula das Américas que reúne chefe de Estado e governo do continente; ii) Câmara Americana de Comércio (U.S. Chamber of Commerce - AMCHAM) e as Câmaras Americanas de Comércio existentes nos países onde os grupos financeiros atuam; iii) Participação comum em think thanks localizadas nos países onde os grupos atuam, especialmente aquelas com reconhecida participação ou influência empresarial ou ainda que tenham financiamento do National Endowment for Democracy (NED) e/ou do Center for International Private Enterprise (CIPE). Estas duas últimas organizações são entidades privadas, mas financiadas pelo governo dos Estados Unidos, e atuam no exterior em parcerias com organizações locais, de acordo com os interesses estratégicos do governo e das corporações daquele país.

Considerando-se o tempo para exposição no evento, delimita-se a apresentação a análise das conexões que se realizam na primeira dimensão mencionada.

.....

*** Ary Minella**

Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Florianópolis, Brasil

Resumen de ponencia

LA RELACIÓN ENTRE ESTADOS UNIDOS Y AMÉRICA LATINA, ¿DECADENCIA O RECONCILIACIÓN?

*María Belén Cando Ortiz

En los últimos tiempos se afirma que las relaciones entre Estados Unidos y América Latina se encuentran en su punto más bajo, afirmación con la que concuerdo. Sin embargo, hay que considerar los cambios que han surgido en América Latina en los últimos 3 años. Mi análisis de la relación entre Estados Unidos y América Latina se centra en una perspectiva post-liberal y post-hegemónica concentrándome en un espacio de tiempo específico que va desde la fundación de la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA) hasta la actualidad pasando por la creación de la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR). Es necesario indicar, que existe una cantidad extensa de posibles variables a analizar, de las cuales me concentraré en algunas tales como la integración de la región latinoamericana y su incidencia en la caída de las relaciones políticas con Estados Unidos, además del papel de este último con respecto a América Latina en la actualidad y el surgimiento de nuevas relaciones con la otra gran potencia del mundo, China.

El papel hegemónico que ha tenido Estados Unidos en el sistema internacional y en este caso específico en América Latina, se encuentra en un momento determinante con el surgimiento de nuevas influencias tanto regionales como globales. De acuerdo a Ikenberry (2002) la hegemonía estadounidense está fundamentada en una estrategia realista y en otra liberal que ha generado una racionalidad política para el establecimiento de compromisos de seguridad y de una agenda que responde a los intereses de este país a nivel global. En este sentido, en cuanto a la influencia que ha ejercido Estados Unidos en nuestra región se puede decir que la estrategia realista está basada en la Doctrina Monroe y la estrategia liberal en el Consenso de Washington. La Doctrina Monroe, sintetizada en la frase América para los Americanos, y basada en la idea de que Estados Unidos no solo tiene el derecho sino también el deber de intervenir en la región en casos de caos ha desaparecido casi por completo en nuestra región. Y decimos casi pues hace un año o dos podríamos haber dicho que la Doctrina Monroe ha muerto, pero hay que tener en cuenta los últimos sucesos con respecto al caso de Venezuela, en el que el interés estadounidense podría tener un nuevo despertar.

Sin embargo, la realidad es que indudablemente la influencia estadounidense en la región ha sufrido un declive irreversible y ha generado un sentimiento de autoconfianza en América Latina, y esto que realmente fomenta la nueva autoconfianza, es un sentimiento de progreso, una auto concienciación y una capacidad de modernización que el Norte ya no puede impedir o reprobar. A esta situación contribuye en parte un resurgimiento del nacionalismo, así como también actitudes antiimperialistas (Godoy et al. 2011: 09).

Por otro lado, el Consenso de Washington, implementado en América Latina en la

década de los 90 y la cual no generó ningún beneficio para la región, ya que ésta continuó sumida en la pobreza, tuvo también como respuesta un creciente sentimiento antiimperialista en la región que posteriormente conduciría al nacimiento de gobiernos con un discurso de una América Latina libre del poder hegemónico de Estados Unidos. En este punto, es imperativo hablar del papel de una de las figuras claves en la región para contrarrestar el poder de Estados Unidos, Hugo Chávez, quien a partir de asumir la presidencia de Venezuela adoptó un papel esencial en la construcción del llamado socialismo del siglo XXI. Además del poder de Chávez y de los cambios políticos realizados a nivel interno, me interesa principalmente el discurso antiimperialista que manejaba como base de su política exterior que como afirma Aranda (2013) fortaleció un discurso polarizador internacional y generó un móvil para dar paso a su ideal de establecer un bloque de poder sudamericano.

La idea de una alternativa de regionalismo pero desde una visión post-liberal contraria a la hegemonía estadounidense que promovía el regionalismo abierto se ve plasmada con la formación de la ALBA y posteriormente con la creación de la UNASUR que en realidad no son bloques de integración, sino más bien bloques políticos que intentaron revivir la teoría desarrollistas o neo-estructuralistas. La UNASUR que cobró existencia jurídica en 2011, se ve liderada por el Brasil de Dilma (con la aún latente presencia de Lula), la Venezuela de Chávez, el Ecuador de Correa, la Bolivia de Evo, la Argentina de los Kirchner, el Chile de Bachelet, el Uruguay de Mujica y el Paraguay de Lugo, es decir se crea desde una visión o un discurso contrario al neoliberal, con excepción de Colombia y teniendo en cuenta también la cercanía de Chile con Estados Unidos. Esta heterogeneidad ideológica es una forma de entender la integración de una forma diametralmente opuesta a la que espera Estados Unidos, situación en la que Brasil juega un papel muy importante como equilibrio de la región (Godoy et al., 2011), puesto que si bien está alineado con la idea de autonomía con respecto a Estados Unidos, su relación con dicho país no es conflictiva como si lo es Venezuela.

El peso que tiene Brasil a nivel mundial lo coloca como líder regional tanto política como económicamente, jugando un papel determinante dentro de la UNASUR con una visión realista de la política exterior y del interés nacional y como un elemento de anclaje regional suramericano con respecto a las propuestas de Chávez, reconduciendo las mismas a un marco regional (Sanahuja, 2008). Igualmente, el liderazgo y poder de Brasil y además su capacidad moderadora con los países miembros con respecto a sus relaciones con Estados Unidos fue muy importante pues logró converger en esta organización dos líneas económicas distintas con la presencia de Colombia y Chile como claros aliados de Estados Unidos en la región.

La formación tanto de la ALBA como de la UNASUR ha redefinido el espacio político de América Latina generando una identidad propia y una concepción propia de regionalismo. Sin embargo, esta visión no ha logrado cohesionarse adecuadamente y ambos proyectos actualmente están estancados. De acuerdo a Sanahuja (2012) esto podría deberse a que la ALBA no ha sido capaz de generar un proyecto viable de integración por su gran orientación ideológica, aunque hay que indicar que si ha sido capaz de aumentar el debate político en cuanto a la relación entre integración y desarrollo. UNASUR, por otro lado, tampoco ha alcanzado los consensos necesarios para que éste sea un proyecto viable a largo plazo por lo que actualmente se encuentra también estancada, tanto es así que la sede situada en Ecuador se mantiene la mayoría del tiempo cerrada, es decir, no tiene una base institucional sólida para que

genere algún logro representativo a largo plazo, por lo que a nivel América Latina se tiene más expectativas de integración a nivel MERCOSUR, en el que Brasil sigue jugando un rol protagónico.

Igualmente, el papel que tiene la Alianza del Pacífico con Colombia, Perú, México y Chile es importante pues son los países más cercanos a Estados Unidos en términos económicos pero también políticos. De igual forma, se esperaba que la situación con América Latina cambiara tras la llegada de Barack Obama al poder, y aunque el intento de acercamiento a Cuba pudo haber significado algo mayor, no sucedió y la política exterior de Estados Unidos se mantuvo concentrada en Medio Oriente. Actualmente, no hay nada claro sobre el futuro de esta relación y sobre el papel que tendrá Trump con una Latinoamérica cambiante y con una marcada tendencia de regresión hacia gobiernos alineados a los intereses neoliberales y sin la presencia de líderes fuertes como lo fue Chávez o Lula. Adicionalmente, si bien la unipolaridad de Estados Unidos en la región podría estar llegando a su fin y más ahora con las relaciones crecientes de nuestra región con China, hay puntos clave en los que Estados Unidos todavía está presente como es en el caso de Haití y a través de la OEA, que actualmente está jugando un papel importante en el caso de Venezuela. De acuerdo a Pastrana (2015) la estrategia estadounidense establecida en el gobierno de Obama para acercarse a América Latina sería el reinventar la OEA para convertirlo en un instrumento institucional importante de gobernanza hemisférica, además de la consecución de cinco elementos clave como es la relación bilateral con Cuba, Venezuela y los demás países bolivarianos, además del narcotráfico, la seguridad ciudadana, las migraciones y la economía. En conclusión, la relación entre Estados Unidos y América en los últimos 17 años ha estado marcada por una clara postura post hegemónica y post liberal liderada por el papel de la UNASUR que si bien no rechazaba en su totalidad la hegemonía de Estados Unidos si reflejaba una postura ofensiva defendiendo aún más su autonomía en cuanto al manejo de los asuntos de la región. Sin embargo, a nivel global el poder que tiene Estados Unidos en lo económico, político, cultural, tecnológico y militar lo siguen posicionando como la única hegemonía del mundo y el actor más importante al momento de determinar el orden internacional.

Bibliografía:

- Briceño Ruiz, José. Ejes y Modelos en la Etapa Actual de la Integración Económica Regional. Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile. Estudios Internacionales 175. 2013.
- Falomir, Nicolás. La identidad de UNASUR: ¿regionalismo post-neoliberal o post-hegemónico? Consultado el 25 de junio de 2017. Disponible en: <http://www.redalyc.org/html/153/15329874007/>
- Godoy, Horacio; González, Roberto; Orozco, Gabriel. Construyendo lo Global. Aportes al debate de Relaciones Internacionales. Universidad del Norte Editorial. 2011.
- Ikenberry, G. John. La ambición imperial de Estados Unidos. Foreign Affairs. Volumen 81, número 5. 2002.
- Pastrana, Eduardo. Dilemas de la gobernanza regional en Suramérica frente a las actuales transformaciones hemisféricas. Pensamiento Propio. Edición 42. 2015.
- Sanahuja, José. El regional...

.....

*** María Belén Cando Ortiz**

Universidad de Chile UChile. Santiago de Chile, Chile

Resumen de ponencia

LOS DESTERRADOS DE LA NACIÓN. IDENTIDAD NACIONAL, HEGEMONÍA Y CRÍTICA CHICANA EN LOS ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA (1980-2018).

*Rafael Antonio Rodrigues

Muchos intelectuales, a lo largo de la historia estadounidense, participaron de los debates en torno a la "esencia" de la nación americana e intentaron definir quiénes cumplían con los requisitos exigidos para ser parte de ella. Uno de ellos fue el famoso historiador y politólogo estadounidense Samuel Phillips Huntington (1927-2008), quien escribió y publicó en el año de 2004 un libro intitulado *Who are we? The Challenges to America's National Identity*. En este, el autor sostiene que la columna vertebral de la identidad nacional estadounidense se remonta a los valores políticos, culturales y religiosos fundados por los llamados "Pobladores Británicos" (British Settlers), los cuales "ocuparon" el norte del continente americano en los siglos XVII y XVIII y crearon las famosas 13 colonias inglesas que darían origen a los Estados Unidos de América en la segunda mitad del siglo XVIII (Huntington, 2004).

Fueron varios los modelos de identidad nacional que intentaron definir y dotar a la nación americana de una estructura sólida, congruente y homogénea. Algunos modelos se aferraron a ideas de raza, cultura y etnicidad (American identity as Historically Ethnocultural), mientras otros ponían énfasis en principios políticos (American identity as a set of principles), o en aspectos comunitarios (American identity as Community) y patrióticos (American Identity as Patriotism). Eso no quiere decir que estos diferentes modelos sean mutuamente excluyentes y que no puedan hacer mezclas y diferentes combinaciones entre sí (Theiss-Morse, 2009).

Sin embargo, el modelo que ha ganado predominancia política y teórica a finales del siglo XX y principios del XXI, y que tiene en Samuel Huntington uno de sus principales portavoces, ha sido el que identifica a la nación americana como un conjunto de prácticas y principios políticos "American identity as a set of principles". Tal concepción está basada en la idea de que los Estados Unidos forman una comunidad cívica, política y nacional excepcional y sui generis, distinta a las formaciones nacionales de otros países y caracterizada por los valores que constituyen el llamado credo americano "American Creed" (Theiss-Morse, 2009). La línea argumentativa de ese paradigma conceptual se apoya ideológicamente en un nacionalismo radical y nostálgico que se aferra a una idea de mito y origen nacional anglosajón, cerrándose a las posibilidades de cambio presentadas en el tiempo presente. De este modo, los endiosados y glorificados "padres fundadores" "The Founding Fathers" de la patria americana "Thomas Jefferson, John Adams, Benjamín Franklin, George Washington, entre otros" son constantemente invocados como aquellos que definen y tienen la palabra final sobre lo que sería el meollo de la identidad nacional en este país (Theiss-Morse, 2009).

La gran preocupación de Huntington se debe al hecho de que el nuevo flujo

inmigratorio hacia los EEUU, desde finales del siglo XX al inicio del XXI, ya no proviene de nacionalidades del hemisferio Occidental sino de civilizaciones consideradas ajenas y antagónicas a los patrones culturales y religiosos de dicho hemisferio (Mignolo, 2016). De esta manera, Huntington (2004) pasa a ver la nueva ola de inmigración Latinoamericana hacia los EUA, especialmente aquella de estirpe mexicana, como una gran amenaza que pone en riesgo la cohesión histórica y cultural de su país. Como dice el mismo autor (2004:16): *“(the) continuing flood of Mexicans will split the U.S.A. into two languages: Spanish and English, and between two cultures: Hispanic and Anglo-Protestant”*.

La discusión del *Who are we?* gira alrededor del gran miedo americano de que, en el futuro, el linaje civilizatorio fundado por los *“pobladores británicos”* deje de ser el paradigma cultural predominante que define el eje identitario nacional. De este modo, Huntington defiende una concepción de nación que reclama una herencia blanca, patriarcal, anglosajona, protestante, británica y nórdica-europea (lo que en inglés pasó a llamarse WASP: White Anglo-Saxon Protestant). En ese sentido, la mayoría de los grupos *“étnicos-minoritarios”* en los Estados Unidos, sobre todo los(as) chicanos(as) y mexicanos(as), el mayor grupo *“étnico-minoritario”* en los EEUU, son representados como grupos *“outsiders”* y extranjeros a la nación, los cuales ponen en peligro la unidad de la patria y no gozan de legitimidad histórica y cultural para formar parte del credo americano (Huntington, 2004).

Sin embargo, entendemos que la crítica forjada por algunos(as) intelectuales chicanos(as) *“John R. Chávez, Emma Pérez, Rodolfo Acuña, José David Saldívar, Sonia Saldívar-Hull, Vicki Lynn Ruiz, Gloria Anzaldúa, AnaLouise Keating, Cherrie Moraga, entre otros(as)”* desestabiliza el orden espacio-temporal hegemónico y expone otros sentidos de identidad, territorio y temporalidad. Las comunidades chicanas del sudoeste americano, sobre todo a partir de la teoría queer y la crítica feminista llevada a cabo por Gloria Anzaldúa (1987), ha hecho un esfuerzo intelectual considerable en el sentido de entender que la creación del *“americano legítimo”* funciona bajo contraste con la construcción despectiva de su Otro, el no americano: el(la) chicano(a)/mexicano(a). En ese sentido, la noción de un supuesto Yo Americano, o lo que David Hollinger (1995) llamó de *“the circle of we”*, sólo cobra sentido cuando entra en contacto con la construcción binaria y colonial de su opuesto, su alteridad, eso es, la figura del *“alien”*, del *“extranjero”*, del *“invasor”*, figuras que pasan a ser asociadas, casi automáticamente, a aquellos grupos que en algún momento de su historia generacional estuvieron vinculados con la migración mexicana hacia los Estados Unidos (Chávez, 1984; Anzaldúa, 1987; Keating, 2005).

Por lo tanto, aunque Huntington defienda un modelo de nación Liberal que no esté basado en características étnicas y raciales, refutando las teorías nacionales en torno al modelo del Ethnoculturalism, creemos que, por detrás de su presumida neutralidad científica, se produce un discurso nacional racializado/racializante que asocia la cultura anglosajona con la blanquitud de estirpe nórdica-europea. Nos parece interesante notar que el proceso de asimilación anglosajón reivindicado por Huntington funciona sólo y cuando se trata de nacionalidades racialmente cercanas al prototipo racial dado por los descendientes nórdico-europeos. En ese sentido, cabe lanzar aquí la siguiente indagación: ¿Por qué los grupos provenientes de nacionalidades no europeas no han podido asimilarse al credo americano?

Entendemos aquí que, al ignorar el factor raza en la construcción de la identidad

nacional estadounidense, se reafirma y se legitima el statu quo de segregación étnico/racial predominante en el país y no se reconoce al racismo como una realidad vigente y estructurante de la sociedad americana. La categoría raza, como constructo social, pasa a ser una muralla cultural insuperable (Fanon, 2008; Segato, 2007) que vuelve imposible la "incorporación plena" de las comunidades chicanas/méxico-americanas al ideal del "Mainstream Americano" (Edward Telles, 2006). De esta manera, la exigida clase de asimilación que reclama Huntington (2004), colocada como prerrequisito esencial para acceder al meollo de la identidad nacional, no podrá nunca consolidarse entre los grupos méxico-americanos/chicanos, a la vista de que sus identidades raciales no son compatibles con los parámetros de blanquitud estipulados por las prerrogativas identitarias de raza dominantes en el país.

De este modo, hay que entender lo que Theiss-Morse (2009:42) llamó de "Ethnocultural view of citizenship": una concepción de ciudadanía racializada que coloca la cuestión de la raza y de la etnia como un criterio central en el reconocimiento de los miembros que "legítimamente" gozan de los derechos y beneficios otorgados por el Estado. Así, es necesario racializar al Otro, en nuestro caso el(la) chicano(a)/mexicano(a), para diferenciarlo de lo americano "auténtico" y edificar marcadores sociales visibles que lo expurguen de la nación. De la misma manera, es imprescindible asociar el cuerpo racializado del(la) chicano(a)/mexicano(a) a la imagen del inmigrante y del extranjero, a final de cuentas, no importa la generación y la cantidad de tiempo que el "mexican-american" tiene viviendo en los EEUU, las marcas raciales expuestas por su cuerpo son suficientes para reconocerlo como un "outsider". Entendemos también que el gran miedo de Huntington relacionado con las comunidades chicanas/mexicanas se debe a los altos índices de crecimiento de dicha población en el sudoeste de Estados Unidos y en una posible transformación demográfica de la sociedad estadounidense en la cual los blancos pasen a ser una minoría. Tal preocupación revela exactamente el cimiento del proyecto político de Donald John Trump: el miedo de que los Estados Unidos dejen de ser una nación mayoritariamente blanca y que el país se transforme en un gran aglomerado de diferentes grupos étnicos y raciales.

En ese sentido, creemos que la amplia comunidad de apoyo y soporte que hizo posible la elección de la nueva figura presidencial en los Estados Unidos representa el triunfo de las ideas de Huntington, así como la fuerza intelectual y política de sus ideas, acerca de las maneras de imaginar y significar la nación en este país (Anderson, 2008). De esta manera, la concepción Liberal de nación defendida por Huntington, la cual supuestamente está abierta a que cualquier grupo étnico/racial pueda asimilarse al patrón anglosajón, revela cómo la idea de identidad nacional en torno al llamado Ethnoculturalism (Theiss-Morse, 2009), la cual está estrechamente vinculada al fenómeno racista del nativismo americano, reaparece como el telón de fondo que explica y da sentido al proyecto de nación hegemónico que se presenta actualmente en este país.

.....

*** Rafael Antonio Rodrigues**

*División de Ciencias Sociales y Humanidades. Universidad Autónoma Metropolitana - Unidad Xochimilco - DCSH/UAM-X.
Xochimilco, México*

Resumen de ponencia

O ISLAMISMO NO GOVERNO BUSH: AS IDENTIDADES INTERNACIONAIS E A OUTRACIZAÇÃO DO IRÃ

*Pedro Henrique Silva De Oliveira

As Relações Internacionais (RIs), desde sua origem como disciplina, demonstrou pouco interesse pela historicidade crítica, optando por uma visão mais sistêmica e positivista de seu campo. As transformações históricas parecem tornar-se dispensável perante a característica principal atribuída às RIs. A ideia de "anarquia" acaba conferindo ao Sistema Internacional (SI) uma espécie de atemporalidade, pois ela seria inerente ao mesmo (SETH, 2013). A pretensão e a necessidade de universalização são os principais argumentos do eurocentrismo, elemento basilar para as teorias canônicas das RIs. Em contraste com as demais organizações e instituições sociais, "bárbaras", o Sistema Internacional moderno seria horizontalizado, baseado em éticas plurais e sem uma hierarquia única; um sistema civilizado a se espalhar pelo mundo. (SETH, 2013). Desta forma, pretende-se compreender de que forma uma outracização serviu de instrumento discursivo/político para o processo de securitização do Irã durante o governo de George W. Bush? Como objetivo, parte-se da ideia de que as identidades internacionais, criadas pelo colonialismo, ainda permeiam a política internacional e que servem como instrumentos discursivos que agentes securitizadores se utilizam durante o seu ato de fala (BALZACQ, 2005). Tais identidades foram construídas a partir de um reducionismo a traços básicos de povos e populações, transformando-as em arquétipos (SAID, 1978).

Ao denunciar o Irã, George W. Bush utiliza-se da identidade islâmica do país como uma fonte de dicotomia, valendo-se dela como diferença fundamental e irreconciliável à identidade ocidental, um estranho, um "Outro". Como para o ato de securitização o conhecimento factual não é necessário, emprega-se um conjunto de ferramentas discursivas, que demonstram continuidade com as empregadas durante o período colonial, principalmente, o uso de identidades baseadas nesse esquema classificatório. Os atentados de 11 de setembro de 2001 foram um marco para a inserção do tema na Agenda Internacional. Percebe-se que, a partir desta data, o discurso norte-americano sobre o Islamismo mudou caricaturando as populações islâmicas. Ao realizar esse movimento, o discurso transformou os povos islâmicos em um "adversário" a ser combatido. Ao classificar e hierarquizar o "Islã" se utilizou de uma complexa rede de representações previamente existentes sobre o assunto (DOTY, 1996) para removê-lo da esfera normal e o elevar como um tema de "segurança" (BUZAN, 1998).

Os discursos ocidentais sobre o Islã demonstram continuidade com os discursos coloniais, ao buscar empregar significantes que remontam àqueles usados pelos colonizadores. Por exemplo, em seu famoso "Discurso sobre o Estado da União, de 29 de Janeiro de 2002", o Presidente Bush afirmou que: "O Irã busca agressivamente essas armas (de destruição em massa) e exporta terror, enquanto uma minoria não eleita reprime a esperança do povo iraniano pela liberdade", Nota-se que o então

Presidente categorizou a população Iraniana em dois grupos: uma minoria que busca conflito e uma maioria amante da “liberdade”, que não possui agência para atingi-la. O emprego desses significantes é ainda mais relevante ao se analisar como a os EUA lidaram com o programa nuclear do Irã durante a gestão Bush. Apesar do país ser um signatário original do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), o presidente norte-americano atacou veementemente o programa nuclear iraniano, alegando que ele buscava a produção de armas atômicas. Em sua fala para a 89ª Convenção Nacional Anual da Legião Americana, em 28 de agosto de 2007, o então presidente, defendeu que “a busca ativa do Irã por tecnologias, que poderiam levar a armas nucleares, ameaça colocar uma região, já conhecida por instabilidade e violência, sob a sombra de um holocausto nuclear”. Em seus discursos sobre o Oriente Médio, observa-se a ênfase na identidade islâmica dos seus adversários: “nos encontramos, hoje, em um momento crítico para o nosso país. A América está envolvida em uma grande luta ideológica – lutando contra extremistas islâmicos em todo o mundo”. Nessa fala, pode-se analisar a maneira como o Presidente dividiu o mundo: “extremistas islâmicos” e o “resto”; essa divisão foi baseada num imaginário sobre o islamismo, criando uma dicotomia de us vs them.

Como contraste, cabe observar o discurso realizado por outro Presidente norte-americano, Bill Clinton, após o primeiro teste oficial indiano de armamentos nucleares, em 1998: “[...] a Índia tem sido, sem dúvida, a democracia mais bem sucedida da história nos últimos 50 anos, porque eles preservaram a democracia diante de uma diversidade e dificuldade absolutamente absurdas e pressões internas e externas” (OFFICE OF THE PRIME MINISTER, 1998). Ressalta-se a importância dada por Clinton na construção de uma identidade baseada em um dos principais valores ocidentais compartilhados entre os dois países: a Democracia. O presidente (HAYES, 2009), ressaltou o quão semelhantes são os valores entre os Estados Unidos “o Ocidentais” e a Índia. Os contrastes das reações com a Índia e o Irã mostram a relação dúbia/relativa entre os valores do Ocidente e seu suposto universalismo. A Índia é um ator responsável, pois demonstra valores ocidentais, já o Irã, um ator irresponsável pela ausência desses valores.

No presente projeto utilizar-se-á pesquisa documental, principalmente. A metodologia empregada será primariamente a documentação indireta, técnica essa que consiste no levantamento de dados sobre o assunto a ser pesquisado, utilizando-se da pesquisa documental, uma vez que se fará uso de fontes primárias “no caso os discursos do Presidente George W. Bush –, assim como a pesquisa bibliográfica, pois serão buscadas fontes secundárias. O método histórico e investigativo também será empregado, quando se realizar uma análise dos discursos do Presidente Bush e como foi problematizada a questão da identidade islâmica neles. Os dados levantados serão de periódicos, artigos, discursos e livros relevantes sobre o tema. A abordagem implicada é a da pesquisa qualitativa, uma vez que terá um caráter basicamente exploratório, buscando caminhos mais adequados para analisar e solucionar o problema de pesquisa.

Como resultados preliminares, observou-se que as teorias pós-positivistas do Sistema Internacional questionam a abordagem estrutural das Relações Internacionais. Fez-se uso, principalmente, da Escola de Copenhague e da teoria pós-colonial.

Dentro da teoria pós colonial, foi trabalhado o seu cânone teórico original, utilizando, principalmente, autores como Edward Said, em sua obra de 1978 “Orientalismo: O

Oriente como invenção do Ocidente². Utilizou-se, também, a vertente teórica especializada em Relações Internacionais.

Outra escola teórica fundamental para o trabalho foi a Escola de Copenhagen, originária em 1983, que buscou demonstrar os aspectos sociais da Segurança, principalmente, o seu conceito de Securitização. Este, nas Relações Internacionais, é o processo que os atores estatais realizam para remover assuntos da esfera comum e transformá-los em questões de "Segurança", feito através de um "ato de fala". Um assunto securitizado não necessariamente significa que é uma questão essencial para a sobrevivência objetiva de um Estado, mas, apenas, que é percebido como tal. Balzacq (2005, p.179) argumenta que uma ação securitizada "depende da capacidade discursiva de, efetivamente, transformar uma situação com tal natureza". Por sua origem, a securitização é um processo intersubjetivo, sendo o resultado da interação entre o agente securitizador, o ato de fala que permite a securitização e a audiência que aceita (ou rejeita), a inclusão do tema na agenda de segurança (BUZAN, WEAVER e WILDE, 1998). Tomando como base essas Escolas de pensamento, analisou-se, os discursos do presidente Bush durante o seu mandato (20/01/2001 – 20/01/2009) e uma observação do processo de securitização do Irã, sempre comparando seu discurso com falas orientalistas, mostrando o quão inspirado na identidade internacional criada sobre o Islã ele se mostrou e as continuidades dessa fala com recursos discursivos usados durante o colonialismo. Além disso, foi feita uma breve síntese comparativa com outros processos de securitização com atores não Islâmicos, como o caso da Índia em 1998. O motivo pela qual essas teorias foram escolhidas deve-se à importância do conhecimento e do contexto para a criação de uma "ameaça". Ainda que as teorias possam divergir, ambas enfatizam a importância de estruturas existentes na tomada de decisão e fornecem uma lente de análise adequada para a situação em foco.

Referências bibliográficas

- BALZACQ, Thierry. The Three Faces of Securitization: Political Agency, Audience and Context. *European Journal of International Relations*. 2005.
- BUSH, George W. President Delivers State of the Union Address. 2002. Disponível em: . Acesso em: 19 set. 2017.
- BUSH, George W. President Bush Addresses the 89th Annual National Convention of the American Legion. 2007. Disponível em: . Acesso em: 19 set 2017.
- BUZAN, B.; WEAVER, O.; de WILDE, J. *Security – A New Framework for Analysis*. Colorado: Lynne Rinner Publishers, Inc., Boulder. 1998.
- CLINTON, Bill. Remarks by the President on U.S.-China Relations in the 21st Century. 1998. Disponível em: . Acesso em: 23 set. 2017.
- JONES, Branwen Gruffyd. *Decolonizing International Relations*. CIDADE: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.
- PASHA, Mustapha Kamal. *Fractured Worlds: Islam, Identity, and International Relations*. Global Society. 2005.
- SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SETH, Sanjay. *Post-colonial Theory and International Relations: a Critical Introduction*. New York: Routled

.....

*** Pedro Henrique Silva De Oliveira**

Universidade Federal de Pelotas UFPel. Pelotas, Brasil

Resumen de ponencia

POLITICA EXTERNA E DIREITOS HUMANOS DURANTE A ADMINISTRAÇÃO OBAMA (2009-2016): ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS.

*Cristina Pacheco

Essa pesquisa pretende compreender as medidas tomadas pela Administração Obama no tocante à política externa de Direitos Humanos. Considerado hesitante por Kenneth Roth (2010), Obama herda um país mergulhado em uma crise econômica severa, duas guerras assimétricas (Afeganistão e Iraque), dois conflitos regionais com duas potências nucleares (Coreia do Norte e Ira) e um conflito regional específico, entre Israel e Palestina, caracterizado por sua dinâmica própria, em razão da relação especial entre os EUA e Israel (MEARSHEIMER, WALT, 2006). Considerada inicialmente inexistente (Drezner, 2011), sua política externa foi classificada por Dueck (2015) como uma combinação entre acomodação internacional e retração. Obama os combinou visando implementar uma retração significativa em termos de poder geopolítico e militar. Suas medidas incluíram cortes orçamentários que buscaram evitar intervenções militares e diminuir a participação americana além mar. A acomodação ocorreu através da posição multilateral adotada desde seu primeiro ano na presidência, através da aproximação com outro país, esperando uma concessão recíproca. Dueck considerou essa segunda estratégia menos bem sucedida que a primeira, principalmente nas políticas contraterroristas. Na análise de Drezner, Obama assumiu o poder com três firmes convicções estratégicas: 1) que o rejuvenescimento doméstico era crucial para qualquer grande estratégia de longo prazo, algo ressaltado diversas vezes nos seus discursos de política externa; 2) que os EUA sofriam de um superestacionamento nos lugares errados, lutando duas contra-insurgências, e uma guerra ao terror no Oriente Médio enquanto negligenciava outras partes do globo e 3) que os erros cometidos por sua Administração colocavam os EUA numa posição inadequada para uma liderança considerada por algumas décadas unipolar. (Krauthammer, 1990/1991). Agiu multilateralmente num cenário de multiparceiros. Por isso tentou resetar suas relações com a Rússia, ao mesmo tempo em que estabelecia um diálogo estratégico e econômico com a China, criando uma espécie de G2. Além disso, abraçou o G-20, para suplantá-lo G8 como um fórum econômico internacional, na crença de que mais parceiros transformaria-se em mais parcerias efetivas. Extensiva e cuidadosa nas análises acerca da política externa e da grande estratégia, a literatura especializada peca em analisar as políticas implementadas voltadas de maneira específica para os direitos humanos. A proposta consiste em verificar as medidas implementadas pela Administração em pontos sensíveis à temática proposta: a) a retirada das forças armadas dos EUA do Iraque e do Afeganistão; b) a utilização dos Drones durante os conflitos no Afeganistão, Paquistão, Somália e Yemen, c) o uso de arsenais nucleares e a negociação com a Rússia à adesão ao Novo START, d) a atuação junto ao Oriente Médio, em especial, através da mobilização de uma coalizão internacional de modo a

proteger os grupos pró democracia na Líbia e no Egito, tanto na ONU como na OTAN, ao mesmo tempo em que isolava e enfraquecia o Ira através da aplicação sistemática de sanções ao país junto ao Conselho de Segurança da ONU, e) o fortalecimento das relações entre EUA e Israel, e, talvez a mais crucial de todas, f) a promessa de fechar a prisão de Guantánamo, que não se concretizou durante o seu mandato presidencial, verificando alguns dos obstáculos que resultaram em sua negativa. A metodologia empregada é de uma pesquisa qualitativa, aplicada ao estudo de caso da política externa dos EUA durante a Administração Obama. Utiliza-se o método hipotético-dedutivo que se inicia pela percepção de uma lacuna no conhecimento sobre política externa para os direitos humanos, acerca da qual foi formulada a hipótese e, pelo processo de inferência dedutiva, testa-se a predição da ocorrência do fenômeno nas temáticas específicas e sistematizadas. O procedimento para coleta de dados da pesquisa é documental e bibliográfico. A pesquisa é desenvolvida como uma pesquisa exploratória e explicativa para fins de proporcionar maior familiaridade com o problema da política externa para os direitos humanos de modo a pôr em evidência a ocorrência do fenômeno. Por se constituir em uma pesquisa em andamento, os dados e análises a serem apresentados constituem-se ainda em considerações parciais dessa proposta de pesquisa.

.....

*** Cristina Pacheco**

Universidade Estadual da Paraíba UEPB. João Pessoa, PB, Brasil

Resumen de ponencia

TALLER DE RESILIENCIA ¿CREANDO UN SANTUARIO INTERIOR? - UNA RESPUESTA COMUNITARIA A LA CAMPAÑA ANTI-INMIGRANTE DESATADA POR LA ADMINISTRACIÓN TRUMP

*Silvia Austerlic

La discriminación de inmigrantes indocumentados y documentados se intensificó dramáticamente después de las elecciones presidenciales estadounidenses de 2016-- en Estados Unidos y en el mundo. Tras la elección de Trump, en diversas comunidades locales, colegios e universidades, surgió un amplio espectro de iniciativas para responder a las necesidades más acuciantes de los sectores afectados, como los inmigrantes indocumentados y estudiantes Dreamers. Algunos ejemplos son la conformación de un nuevo movimiento Santuario, mecanismos de vigilancia y monitoreo de actividades de Immigration and Customs Enforcement (ICE), mayor disponibilidad de servicios legales, educación en derechos civiles, campañas contra la xenofobia. Sin embargo, un vacío importante fue la ausencia de programas educativos orientados a fomentar prácticas de bienestar, psicoemocionales y de resiliencia que requería el momento entre las comunidades inmigrantes.

Con el objeto de llenar ese vacío, en colaboración con Fernando Leiva de la Universidad de California en Santa Cruz, diseñamos el taller ¿Creando un Santuario Interior?, procurando entrelazar dos tradiciones que hasta entonces han permanecido alejadas: el trabajo interno (metodologías somáticas como la atención plena, la meditación, el liderazgo personal, la visualización y técnicas somáticas) con el trabajo de justicia social (descolonización ¿de adentro hacia afuera?, educación popular, organización comunitaria, investigación participativa).

A través de una metodología altamente innovadora, somática y participativa, se alienta a los participantes a descubrir los recursos internos que mejoran la resiliencia, fomentan las habilidades psicoemocionales y de colaboración, y afirman su dignidad cultural. El resultado obtenido es un proceso de sanación y transformación individual y colectivo.

Este taller se convirtió en clase de dos créditos y fue ofrecida en Otoño del 2017 tanto como recurso para estudiantes indocumentados, así como curso regular de la Universidad de California en Oakes College, Santa Cruz. Fue integrado al catálogo académico oficial, y se volverá a ofrecer en la Primavera del 2019. Aquí dos testimonios de alumnos: (1) "Siento que he sido bendecida de muchas maneras, una de ellas este curso y tener un mejor entendimiento de cómo encontrar mi lugar en el mundo y ser agente de cambio social. Las prácticas somáticas de escuchar a mi respiración y de veras sentirlo todo ayudan con este auto-análisis porque me fuerza a sentir lo que mi cuerpo me está diciendo sobre mí misma"; "Antes de tomar este curso, creo que no me daba cuenta de cuantas herramientas poderosas tengo dentro

mío. Mi perspectiva inicial era de que para ayudar a los que me rodean, tenía que encontrar la forma de contribuir con grandes cantidades de dinero y que eso sería suficiente para resolver los problemas comunitarios (...) Mi perspectiva de tirar dinero a los problemas no era correcta, y aprendí que para ayudar a los otros tengo que aprender a escuchar y trabajar con las comunidades que quiero ayudar, en vez de para ellas. Definitivamente he entendido la conexión cómo yo estando 'en mi centro' y dando lo mejor de mí puede influenciar a los que me rodean."; "Disfruté escuchando y aprendiendo de los trabajos de otros y ver dónde encuentran su fortaleza personal. Esta experiencia de vulnerabilidad convierte la clase en una comunidad y espacio de solidaridad genuina a través del contar nuestras historias."

Esta ponencia evalúa esta experiencia abordando los siguientes cuatro temas: Primero, brevemente describe el contexto social y político que explica el terreno fértil que encontró esta propuesta.

Segundo, explora los fundamentos conceptuales (Epistemologías del Sur; Liderazgo Personal www.plseminars.com; Modelo Organizacional de la Integralidad Cultural: Competencia-Humildad-Dignidad) que constituyeron las bases para el diseño y metodologías desplegadas.

Tercero, evalúa los resultados principales tras implementarse con estudiantes latin@s, inmigrantes indocumentados y documentados.

Finalmente, ofrece las lecciones más importantes que se pueden extraer de esta breve experiencia al diseñar intervenciones de educativas y de apoyo social a sectores sociales designados "en-riesgo," tales como jóvenes indocumentados en EEUU, que también enfrenten casos de persecución, xenofobia, e gran incertidumbre debido a políticas estatales y clima cultural dominante.

La conclusion fundamental es que es hora de integrar el trabajo interior, somático y de conocimiento interior, practicado en forma individualista hasta ahora fundamentalmente por sectores más acomodados, de clase media y del Norte Global; con una concepción comunitaria, emancipadora y descolonizadora de lucha por la justicia social, más equitativa e inclusiva, que dé visibilidad y voz a nuevos actores y comunidades del Sur Global.

.....

* Silvia Austerlic

University of Santa Cruz, California UCSC. Santa Cruz, Estados Unidos

Resumen de ponencia

🇸🇦 SAUDI FIRST! 🇸🇦: A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA E O REALINHAMENTO DAS RELAÇÕES COM A ARÁBIA SAUDITA NO INÍCIO GOVERNO TRUMP.

*Elcinea Castro

No dia 20 de Maio do ano passado, o The New York Times publicou uma matéria sobre a visita do presidente Donald Trump à Arábia Saudita, afirmando logo no título, que as boas-vindas dos sauditas a ele foi uma mensagem de rejeição à visão do ex-presidente Barack Obama sobre o Oriente Médio. Foi a primeira vez que um presidente norte-americano escolheu a Arábia Saudita, Israel e Vaticano como as três primeiras paradas de sua primeira viagem internacional, além de Bélgica e Itália posteriormente. Outros presidentes visitaram o Canadá ou o México em sua primeira viagem ao exterior. O discurso do presidente Donald Trump e o contexto em que o mesmo se deu, exigem um olhar mais atento, que muitas vezes passa despercebido em meio a um conjunto disperso de tantas informações sobre o evento. Existem dois contextos, que precisam ser considerados: dos Estados Unidos com o presidente Donald Trump e o da Arábia Saudita na expectativa sobre como será mantido a relação entre os dois países.

A intenção da administração do presidente Trump, logo em sua primeira viagem internacional, foi reafirmar a influência norte-americana sobre as três maiores religiões do mundo: islamismo, judaísmo e cristianismo e trabalhar com a ideia de unidade entre as religiões sob a liderança norte-americana. A viagem à Arábia Saudita foi algo inédito apenas por ter sido a primeira vez na história dos presidentes, já que a relação especial dos Estados Unidos com a Arábia Saudita é de longa data. A parceria entre os dois países, começou com o presidente norte-americano Franklin Roosevelt e o rei Abdul Aziz (pai do atual rei Salman) a bordo do navio USS Quincy, no dia 14 de fevereiro de 1945. Fato lembrado pelo presidente Donald Trump durante seu discurso, inclusive. De lá para cá, a parceria entre os dois países continuou duradoura. No entanto, ao final da gestão do ex-presidente Barack Obama, a Casa Saud vinha demonstrando descontentamento com algumas ações da política externa norte-americana para o Oriente Médio, a saber: aproximação do então presidente Barack Obama com o Irã (rival regional da Arábia Saudita); redução do envolvimento dos Estados Unidos na região 🇸🇦 resistência à intervenção na Síria e, por fim, em setembro do ano passado, o Congresso norte-americano derrubou o veto do Presidente, que impedia os familiares das vítimas dos atentados de 11 de Setembro de 2001 processarem o Estado da Arábia Saudita, já que a maioria dos terroristas envolvidos era de nacionalidade saudita. Esses atos davam mostras de que a relação especial poderia estar se desgastando.

Diante desse cenário, favorável para o presidente Trump, seu tom islamofóbico, tão evidente na ordem executiva que ele havia assinado, bloqueando temporariamente visitantes de países muçulmanos em território norte-americano, parece que foi simplesmente deixado de lado. A intenção, a partir daquele momento, era criar um

frente de cooperação entre os Estados sunitas para conter o Irã e sua intervenção na Síria. A justificativa do governo de Donald Trump para esta ação está na contenção do extremismo através do ISIS (Estado Islâmico) e da Al-Qaeda. E a outro objetivo deste plano de ação é promover e estimular o processo de paz entre Israel e Palestina. Do outro lado, a monarquia da Arábia Saudita, que permanecia na expectativa sobre como seria seu relacionamento com o novo presidente dos Estados Unidos, já que necessita de seu apoio para enfrentar seu rival regional, o Irã. Assim que a Casa Branca anunciou que a Arábia Saudita seria a parada inicial da primeira viagem internacional do Presidente Donald Trump, os jornais locais publicaram matérias e anúncios sobre a notícia, com a foto do Presidente Donald Trump ao lado do rei Salman os slogans "Saudi first" e "Together we prevail". No site oficial do Estado saudita, foi feita a contagem regressiva em árabe e em inglês, contando as horas e minutos para a chegada do presidente norte-americano. Foram distribuídos cartazes pelas ruas de Riade com a foto do rei e presidente juntos, sempre com o slogan "Together we prevail". Os sauditas organizaram 3 reuniões abertas para os dois dias que o Presidente e sua comitiva estariam no país: 1) Reunião com o Rei Salman e os Príncipes Seniors; 2) Reunião com os chefes dos Estados-membros do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico (CCG) e 3) Reunião Árabe Islâmica Americana, organizada pela Arábia Saudita, que reuniu líderes e ministros de 50 países muçulmanos. Além disso, a sociedade civil destes países estava se preparando para o Ramadã, que iniciaria na semana seguinte, no dia 27 de Maio. Este é o 9º mês do calendário islâmico, no qual os fiéis acreditam que o Profeta Maomé recebeu a revelação da parte de Allah dos primeiros versos alcorânicos. O jejum do Ramadã é um dos cinco pilares da fé islâmica e caracteriza-se por ser um período em que o caráter religioso tem grande ou total peso em todas as percepções externas do seguidor do Islã, pois ele irá se concentrar para renovar seus votos e fé. Ou seja, o tema Islã na região neste período é muito notório nos Estados muçulmanos.

Depois de explorar brevemente os principais contextos dos Estados Unidos e Arábia Saudita, compreende-se a acentuada mudança nas percepções e, consequentemente, no discurso do presidente Trump. Ele agradeceu ao Rei Salman pelos investimentos em solo norte-americano e pelo seu empenho em trazer desenvolvimento para Arábia Saudita e região. Afirmou que o país tem todos os ingredientes para alcançar um sucesso extraordinário. Em momento algum usou a palavra petróleo ou qualquer termo relacionado ao abastecimento energético, considerando que a matéria-prima saudita ainda é a melhor para exploração e utilização, ou seja, a capacidade produtiva saudita é a mais elevada do mundo. Contudo, usou repetidamente as palavras segurança, armas, contratos bilionários (o acordo de armas firmado entre os dois países tem o valor de 350 bilhões de dólares), extremismo, unidade e Deus. Todas as vezes que falou sobre terrorismo e terroristas, fez questão de evidenciar que eles pertencem a um grupo separado dos muçulmanos, que estão à margem da sociedade árabe. Acusou o Irã de ser responsável pela instabilidade na região, por financiar e recrutar terroristas.

O acordo de armas no valor total de US\$350 bilhões que o presidente Donald Trump firmou com a Arábia Saudita, cobrirá um período de 10 anos. Sendo que, aproximadamente US\$110 bilhões já foram utilizados naquele mesmo ano. Isso porque, de acordo com declaração do Departamento de Estado dos Estados Unidos no dia 20 de Maio, o pacote de defesa, que compreende armas, equipamentos, serviços

de treinamento e apoio à segurança interna e externa saudita servirá de apoio diante das ameaças que o Irã tem trazido à região do Golfo. Além disso, afirmam que com este Acordo, o reino Saudita irá aumentar sua capacidade e garantir mais segurança interna e ao mesmo tempo, continuará contribuindo com as operações de combate ao terrorismo, diminuindo a responsabilidade das forças militares norte-americanas na região. Na realidade, este acordo está sendo apenas renovado, mesmo que em maiores proporções, mas sempre existiu. A diferença é que desta vez, ambas as partes estão em plena sintonia de interesses, se comparado ao governo do ex-presidente Barack Obama. Aliás, no dia 14 de março de 2017, o maior porta-voz da Arábia Saudita em Washington, o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman se encontrou com o Presidente Donald Trump para um almoço na Casa Branca, inicialmente era pra ser um rápido e formal encontro. No entanto, combate ao terrorismo, Irã, conflito no Iêmen, ISIS (Estado Islâmico) e outros temas acabaram se convertendo em horas de uma longa conversa. Além do grande Acordo de Armas firmado entre os países, houve um grande Fórum fechado ao público no dia 20, que reuniu executivos e empresários norte-americanos e sauditas e que, também foi finalizado com diversos acordos bilionários. Vale destacar a carta de intenção assinada pela maior fábrica de produtos militares do mundo, a Lockheed Martin no valor de US\$6 bilhões referentes aos 150 helicópteros Black Hawk que serão entregues em território saudita. E a General Electric, outra empresa gigante de serviços e tecnologia, que anunciou projetos com a Arábia Saudita avaliados em US\$15 bilhões.

O presidente Donald Trump deseja formar uma nova coalizão no Oriente Médio, vislumbrando apresentar-se como líder dos países sunitas. A reunião entre os Estados-membros do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico é um sinal claro da intenção do Presidente Donald Trump, que quer distanciar-se ao máximo das políticas do ex-presidente Barack Obama. E o Estado da Arábia Saudita pode ser um parceiro estratégico de grande relevância neste cenário, em função do que representa politicamente e ideologicamente na região, através da religião principalmente. E para que essa nova postura tão conciliadora adotada pelo presidente frente ao Islã e seus seguidores, possa convencer e conquistar adeptos, ele mudou seu discurso da água para o vinho e foi proferi-lo no local mais sagrado para os muçulmanos e no período do Ramadã, quando todos estão mais voltados ao viés religioso. Essa mudança tão radical no discurso até então, xenófobo e islamofóbico, do presidente Donald Trump, demonstra claramente que as questões pragmáticas são capazes de prevalecer até sobre as convicções e percepções mais enraizadas na política externa norte-americana.

.....

* Elcinea Castro

Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista. Universidade Estadual Paulista - IPPRI_UNESP. São Paulo., Brasil

